

## INFLUENCIA DE SEXO E IDADE EM CONSUMIDORES DE DROGAS EM BRASÍLIA

Richard Bucher\*  
*Universidade de Brasília e CORDATO*  
Marcia Landini Totugui\*\*  
*CORDATO — Centro de Orientação sobre Drogas  
e Atendimento a Toxicômanos (IP/UnB)*

RESUMO - Após um levantamento sobre conhecimentos e consumo de drogas entre alunos de Brasília, os autores fazem uma análise quanto à incidência de sexo e idade nos estudantes que se declararam consumidores de drogas. Compara-se com outros trabalhos epidemiológicos sobre consumo de drogas que destacam sexo e idade. Quanto ao uso de fumo e álcool, os dados mostram um consumo um pouco mais acentuado na população masculina; no conjunto, o consumo de álcool é mais elevado do que o de tabaco, apesar "dos" fumantes progredirem mais rapidamente. A distribuição do uso de outras drogas, legais e ilegais segundo o sexo, apresenta diferenças altamente significativas. A população masculina tende mais para drogas ilegais e não medicamentosas, sendo os inalantes os mais consumidos. A população feminina demonstra uma inclinação maior pelos psicotrópicos medicamentosos (tranqüilizantes, hipnóticos e analgésicos). O uso ocasional de tranqüilizantes parece ultrapassar a experimentação. Os dados agrupados segundo a idade contradizem a idéia segundo a qual a experimentação de drogas leva a um uso intensificado. Quanto à validação das pesquisas epidemiológicas em geral, conclui-se que os resultados dependem muito das características regionais, locais e demográficas da amostra, sendo necessário uma complementação em outras faixas populacionais, para se chegar a visões mais abrangentes.

### INFLUENCE OF GENDER AND AGE IN DRUG USERS OF BRASÍLIA

ABSTRACT - After surveying the knowledge and consumption of drugs among student in Brasília, the authors make an analysis, in

---

\* Professor do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, Coordenador do CORDATO — Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos (IP — UnB).

\*\* Psicóloga do CORDATO — Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos.

terms of gender and age, of those who have declared being drug users. Comparisons are made with other epidemiological studies on drug consumption that also refer to gender and age. Concerning the use of tobacco and alcohol, data show a slightly higher consumption in the male population. In general, alcohol use is higher than tobacco, but smokers progress faster. The use of other drugs, legal or illegal, presents highly significant differences according to gender. The male population tends to illegal and non-medicamental drugs, being inhalants the most used. The female population demonstrates a tendency towards medicamental psychotropics (tranquilizers, hypnotics and analgesics). The occasional use of tranquilizers seems to surpass tryouts. Grouped data, according to age, contradicts the idea that the tryout of drug carries to intensified use. Concerning the validity of epidemiologic research in general, the conclusion is that results depend on region, local and demographic characteristics of the chosen sample. In order to reach wider aspects, a completion is needed in other populational sectors.

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, os autores dão continuidade à apresentação de dados relativos a um levantamento sobre conhecimento e consumo de drogas entre alunos de Brasília (BUCHER & TOTUGUI, 1987). Foram investigados 2174 alunos (994 do 1º grau, 829 do 2º grau, ambos da rede oficial de ensino, e 351 estudantes universitários). Quanto à discussão da metodologia, remetemos a esta primeira publicação.

Os dados obtidos foram, em seguida, examinados quanto à incidência do sexo e da idade nos alunos que se declaram consumidores de drogas. Em alguns trabalhos epidemiológicos recentes sobre consumo de drogas, a incidência de sexo e/ou idade foi examinada. Limitamo-nos a citar publicações brasileiras, deixando de lado aquelas que se restringem às drogas lícitas (álcool e fumo).

ZANINI & Col. (1974) investigaram 1984 estudantes universitários de São Paulo, mediante questionários auto-aplicados. No sexo masculino, a prevalência diz respeito, na ordem, a estimulantes, maconha, LSD e cocaína; as mulheres superam os homens na prevalência de tranquilizantes, anorexígenos e hipnóticos, isto é, no consumo de medicamentos. Não há informações detalhadas sobre auto ou heteromedicação (sem ou com receita médica), nem sobre a metodologia em geral.

MURAD (1979) refere dados segundo o sexo somente quanto ao consumo de drogas em geral, entre 1700 secundaristas. 17,1% das moças entrevistadas estariam consumindo drogas, contra 15,3% dos rapazes (média 15,5%). Tanto a metodologia quanto as análises efetuadas são lacunárias ou falhas. No tocante aos universitários (n = 536), não se assinala as prevalências segundo o sexo.

COSTA & Col. (1978) examinaram 4174 escolares urbanos, entre 14 e 25 anos. Os autores referem dados segundo três faixas etárias: 14-16, 17-18, 19-20. Tanto na categoria "experimentadores", quanto "usuários" (habituais), o grupo etário intermediário demonstra as maiores prevalências, em particular

com tranqüilizantes e "bolinhas"; o grupo mais velho destaca-se pelo uso de hipnóticos e maconha. Não há dados sobre a distribuição segundo sexo.

Assinalamos que os trabalhos de ZANINI & Col. (1974) e COSTA & Col. (1978) foram reanalisados por MORGADO & Col. (1982; 1983), que puderam confirmar as conclusões auferidas nos dois trabalhos, através de uma avaliação metodológica mais rigorosa.

SILVA & Col. (1985), entrevistando 532 universitários, relatam, entre uma série de outros dados, a idade do primeiro uso de fumo, álcool e maconha. A prevalência do primeiro cigarro ocorre na faixa dos 9 aos 14 anos, enquanto a prevalência do início do consumo de álcool e de maconha se situa entre 15 e 19 anos. No entanto, as diferenças são pouco significativas, entre estes dois grupos etários, no tocante às drogas lícitas; em contrapartida, o primeiro "baseado" foi fumado por 64% na segunda faixa etária, e por 30,7% com 20 anos ou mais. Não há dados sobre a freqüência deste uso.

Em um levantamento realizado em Porto Alegre pelo DPAM-RBS (1986), foi investigada uma amostra de 480 escolares do 1º e 2º graus. No item "uso nos últimos 06 meses" (sem especificação sobre tipo de drogas, freqüência de uso, etc.), a prevalência é maior entre moças: 33,3% contra 30,4% dos rapazes. A maior incidência (38,1%) ocorre na faixa etária dos 16-18 anos. Quanto ao item "drogas usadas", 40% dos alunos declaram consumir maconha, sendo 19,1% masculinos e 20,8% femininos. O consumo de "outras drogas" situa-se em 20% para ambos os sexos. Para a maconha a prevalência etária é entre 16-18 anos (33,3%), para outras drogas entre 13-15 anos (26,5%).

Em trabalho mais recente, CARLINI & COTRIM (1987) investigaram, com boa qualidade metodológica, o uso de solventes entre alunos de baixa renda e meninos de rua. O consumo de outras drogas também é referido. Entre os alunos, os solventes são mais usados pelos rapazes (27%) do que pelas moças (20%), como também o fumo (14,5% contra 13,6%). Dos alunos usuários de drogas, maconha e cocaína têm nítida preferência dos rapazes (17% e 20,6%, contra 3,6% e 7,3% das moças); os calmantes são mais consumidos pelas alunas (56,4%, contra 25,4% dos alunos), enquanto Optalidon quase empata: 17,5% e 16,4%. Quanto à idade, o uso de solventes aumenta gradativamente, com 21,2% no 1º grupo etário (9-11 alunos) a 28,2% no grupo de 18 anos ou mais. Entre as 120 crianças de rua entrevistadas (90 meninos e 30 meninas), a grande maioria estava usando solventes (75,6% contra 73,3%), mas a proporção da categoria "usuários pesados" é bem mais elevada entre o sexo feminino (43,3% contra 27,8%). Segundo a distribuição etária, o consumo aumenta com a idade, de 62,5% entre 7-8 anos até 81,3% entre 15-17 anos; porém, a intensidade desse consumo diminui, com um pique de "uso pesado" de 48,8% entre 12-14 anos, cedendo, entre 15-17 anos, a 43,8% de "uso leve".

Em todos estes inquéritos, não encontramos cruzamentos entre as variáveis sexo e idade, de sorte que não se dispõe de dados sobre as curvas evolutivas do consumo de drogas de rapazes e moças, separadamente.

Apresentamos em seguida os dados auferidos em nossa própria pesquisa, esmiuçados segundo sexo e faixas etárias. Renunciamos a apresentar os cruzamentos sexo vs. idade, vez que trazem poucos resultados significativos.

## RESULTADOS

A **tabela 1** mostra a distribuição da amostra segundo sexo e grau esco-

lar, com a indicação da idade média nos três níveis de escolaridade. Chama a atenção a prevalência do sexo feminino no 1.º e 2.º graus, mas que se inverte na universidade (onde o sexo masculino predomina tradicionalmente, embora com flutuações conforme as áreas). A idade média nos 1º e 2º graus está mais alta do que esperado, o que indica uma certa defasagem série/idade, sendo esta no Brasil mais elevada, como se sabe, nas escolas públicas do que nas escolas particulares.

TABELA 1 — Dados de Identificação da Amostra.

	Masculino	Feminino	Total	Idade Média
1º GRAU	423 (42,5%)	571 (57,4%)	994	14,3 anos (DP=4,6)
2.ºGRAU	341 (41,1%)	488 (58,9%)	829	17 anos (DP=2,5)
3.º GRAU	204 (58%)	147 (42%)	351	21,4 anos (DP=8,5)
TOTAL	968	1206	2174	16,4 (DP=4,6)

Com referência ao uso de fumo e álcool, a população masculina consome um pouco mais (**tabela 2**). No conjunto, o consumo de álcool é muito mais elevado com que a bebida parece ser objeto de um incentivo social mais precoce e mais intenso.

No que tange ao uso de outras drogas, legais (medicamentos, inalantes) e ilegais (maconha, cocaína e alucinógenos) segundo o sexo, as diferenças de consumo (ou não) são altamente significativas em inalantes, maconha, alucinógenos, cocaína, e medicamentos em geral. Em todas estas categorias, os rapazes consomem mais, com exceção da última: as moças recorrem mais a medicamentos como xaropes e analgésicos (Tonopan, Optalidon, Algafan, EspasmoPlus) do que os rapazes, isto com ou sem receita. Isto vale também para os medicamentos hipnóticos e tranqüilizantes (calmantes, ansiolíticos, antidiuréticos...), embora sem diferenças significativas. No uso de medicamentos estimulantes (anfetaminas), os rapazes predominam nas ocorrências sem receita.

No conjunto, destacam-se dois fenômenos. Os rapazes referem um consumo mais elevado, sobretudo de inalantes, maconha, alucinógenos e cocaína. Embora atingindo proporções relativamente elevadas somente nos dois primeiros, isto indica uma predileção, da parte da população masculina investigada, pelas drogas ilegais e não medicamentosas. A população feminina demonstra menos inclinação ao consumo de drogas em geral; quando a tem, prefere psicotrópicos medicamentosos, tranqüilizantes, hipnóticos e analgésicos.

Para detalhar melhor a frequência do uso segundo sexo e grupos de idade, referimo-nos à **tabela 3**, onde as três faixas etárias foram agrupadas para que correspondam, aproximadamente, às categorias pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos. Por causa da defasagem etária já mencionada, as três faixas não coincidem, pois com os graus escolares.

TABELA 2 — Uso de drogas segundo sexo (em parênteses, as porcentagens).

DROGA	USO	MASCULINO	FEMININO	$\chi^2$
FUMO	Sim	345 (35,6)	359 (29,8)	7,45**
	Não	614 (63,4)	822 (68,2)	
ÁLCOOL	Sim	871 (90,0)	1037 (86,0)	5,20*
	Não	88 (9,1)	145 (12,0)	
INALANTES	Sim	273 (28,2)	222 (18,4)	29,97***
	Não	685 (70,8)	953 (79,0)	
TRANQUILIZANTES	Sim c/receita	93	120	0,68
	Sim s/receita	40	55	
	Sim c/ e s/receita	17	24	
	Não	816 (84,3)	982 (81,4)	
MACONHA	Sim	114 (11,8)	44 (3,6)	52,03***
	Não	846 (87,4)	1144 (94,9)	
ESTIMULANTES	Sim c/receita	27	33	0,64
	Sim s/receita	29	24	
	Sim c/ e s/receita	04	07	
	Não	937 (96,8)	1143 (94,8)	
HIPNÓTICOS	Sim c/receita	19	33	2,14
	Sim s/receita	08	14	
	Sim c/ e s/receita	02	03	
	Não	937 (96,8)	1171 (97,1)	
ALUCINÓGENOS	Sim	31 (3,2)	13 (1,1)	11,78***
	Não	937 (96,8)	1171 (97,1)	
COCAÍNA	Sim	28 (2,9)	10 (0,8)	13,04***
	Não	938 (96,8)	1179 (97,8)	
MEDICAMENTOS	Sim c/receita	294	460	24,39***
	Sim s/receita	102	148	
	Sim c/ e s/receita	82	104	
	Não	938 (96,8)	1179 (97,8)	

\*p ≤ 0,05; \*\* p ≤ 0,01;\*\*\*p ≤ 0,001.

TABELA 3 — Uso de drogas segundo sexo e idade (em porcentagens)

DROGA	FREQÜÊNCIA	MASCULINO	FEMININO	12 a 14 anos	15 a 17 anos	18 ou mais
		(n = 968)	(n = 1206)	(n = 622)	(n = 1005)	(n = 547)
FUMO	Nunca usei	61,7	67,1	73,9	62,0	48,6
	Diariamente	4,0	3,6	1,0	2,7	8,2
	Ocasionalmente	8,8	6,7	4,0	7,5	8,2
	Já Experimentei	23,2	20,0	14,3	21,9	10,2
ÁLCOOL	Nunca usei	8,9	11,7	15,7	9,2	5,3
	Diariamente	2,1	0,7	1,8	0,7	1,7
	Ocasionalmente	71,0	67,1	55,3	70,0	72,7
	Já Experimentei	16,0	17,7	20,3	20,0	22,7
INALANTES	Nunca usei	70,8	78,8	78,9	73,7	63,1
	Diariamente	0,6	0,5	0,9	0,5	0,2
	Ocasionalmente	12,0	5,7	5,0	8,6	10,6
	Já Experimentei	15,3	11,6	8,5	11,7	16,6
TRANQUILIZANTES	Nunca usei	84,3	81,7	86,6	80,7	73,3
	Diariamente	0,3	1,1	0,9	0,8	0,7
	Ocasionalmente	6,5	7,6	5,3	6,6	8,8
	Já Experimentei	6,9	7,3	1,6	7,8	7,7
MACONHA	Nunca usei	87,6	93,9	92,9	90,0	75,5
	Diariamente	0,6	0,9	0,9	0,6	0,9
	Ocasionalmente	4,8	1,2	0,5	1,4	7,3
	Já Experimentei	6,1	2,1	1,0	2,9	8,0
ESTIMULANTES	Nunca usei	94,4	93,0	93,2	92,0	81,2
	Ocasionalmente	2,2	1,8	1,0	1,9	2,4
	Já Experimentei	3,1	3,1	1,3	1,4	7,7
	Nunca usei	96,6	93,7	91,9	91,8	87,7
HIPNÓTICOS	Diariamente	0,2	0,3	0,2	0,3	0,2
	Ocasionalmente	11,3	1,7	1,6	1,6	1,1
	Já Experimentei	1,5	2,1	1,9	1,4	1,8
	Nunca usei	97,0	96,6	94,2	93,9	87,4
ALUCINÓGENOS	Diariamente	0,1	0,0	0,2	0,0	0,0
	Ocasionalmente	0,8	0,2	0,2	0,4	1,1
	Já Experimentei	1,7	0,8	0,8	0,8	2,5
	Nunca usei	96,8	97,2	94,5	95,0	86,8
COCAÍNA	Diariamente	0,1	0,3	0,3	0,1	0,2
	Ocasionalmente	1,5	0,4	0,5	0,3	2,5
	Já Experimentei	1,1	1,8	4,5	4,3	8,6

Comentamos brevemente as distribuições constatadas, limitando-nos às variáveis que mais se destacam. Como já vimos, o consumo de álcool (alto) e aquele do fumo (relativamente baixo) não diferem muito de um sexo para outro; no entanto, os fumantes progredem rapidamente, sendo que o consumo diário passa de 0,9% para 12,8% após 20 anos. Quanto ao álcool, manifesta-se o contrário: o uso cotidiano diminui (de 1,8 para 0,9 e depois para 1,7%).

Os **inalantes** representam os produtos mais consumidos, após álcool e fumo, sendo que os rapazes os consomem mais, sob todas as modalidades. A curiosidade de "só experimentar" é neles maior do que nas moças, e cresce continuamente de um grupo etário para outro, enquanto o consumo diário decresce. Este, mais freqüente entre pré-adolescentes, diminui de intensidade, cedendo lugar a um uso mais intermitente.

Os dados sobre **tranqüilizantes** denotam uma particularidade interessante: o uso ocasional ultrapassa, no caso das moças, o uso por curiosidade ("já experimentei"), o que se verifica também nos 1º e 3º grupos etários. Mas o consumo diário continua relativamente elevado. Nos outros medicamentos (hipnóticos e estimulantes), a curiosidade sempre prevalece, como também na **maconha**. Neste último produto (de fato o primeiro produto ilegal da nossa lista), o consumo ocasional e por curiosidade progride regularmente e atinge proporções elevadas (8,8 e 7,7%) na 3ª faixa etária, embora com um consumo diário estável nas três faixas. As freqüências e evoluções etárias de alucinógenos e cocaína são semelhantes e dispensam comentários.

## DISCUSSÃO

À primeira vista, os resultados que ora apresentamos diferenciados segundo sexo e idade, pouco acrescentam à primeira publicação nossa. Alguns destaques, no entanto, merecem atenção. Em primeiro lugar os dados agrupados segundo a idade contradizem uma idéia, muito divulgada, segundo a qual experimentar drogas leva a um consumo intensificado. É a tese da "escalada", inevitável segundo alguns autores, como se a instalação da dependência fosse automática, determinada somente pelo produto... Se a grande maioria dos dependentes de drogas passou por uma certa escalada, não significa, longe de lá, que todo experimentador (de inalantes ou maconha, por exemplo) seja levado por ela, entrando em um processo toxicômano. Para isto, outros fatores devem intervir.

A rigor, os nossos dados sobre álcool se deixam interpretar desta maneira, mas o aumento do consumo diário e ocasional se deixa entender também como derivado de todo um condicionamento social lícito, criando "hábitos", como também no caso do fumo.

Nas drogas ilegais (maconha e cocaína), os experimentadores das duas primeiras faixas de idade não parecem transformar-se "ipso facto" em consumidores habituais; o salto para um consumo mais intenso constata-se na terceira faixa, constituída na maioria por universitários. Nas outras drogas que apresentem cores relativamente elevadas (inalantes e tranqüilizantes), este salto situa-se bem mais cedo. Em nossa população, os estimulantes e os alucinógenos são referendados como drogas tipicamente de experimentação (mais na faixa após 18 anos), sem que levem a um consumo habitual.

Comparando com os dados da literatura discutidos na introdução, cons-

tatamos uma concordância bastante grande, notadamente no que respeita ao maior consumo de medicamentos psicotrópicos pelo sexo feminino. Cabe perguntar-se até que ponto isto reflete um certo condicionamento social: o rapaz tem que transgredir certas normas sociais (sendo que esta transgressão se transforma assim em uma norma adolescente) para provar a sua autonomia, senão a sua masculinidade; a moça aprende cedo a combater os seus males físicos (tensão pré-menstrual, cólicas menstruais, enxaquecas, insónias...) recorrendo a psicotrópicos, seguindo provavelmente o exemplo de mulheres adultas... Contudo, existem também algumas diferenças. Em oposição aos resultados de ZANINI & Col. (1974), os nossos rapazes consomem bem menos estimulantes (anfetaminas); parece até que a moda das "bolinhas" foi substituída por aquela dos inalantes, cujo consumo aumentou muito nos últimos 15 anos (em particular nos países do terceiro mundo; ver MEDINA-MORA, 1984; CARLINI & COTRIM, 1987).

Comparando com os dados de COSTA & Col. (1978), bem como aqueles de SILVA & Col. (1985), constatamos que em nossa população não é o grupo etário intermediário, mas o último grupo que se destaca por um consumo mais elevado (com exceção de hipnóticos); mesmo a iniciação na maconha parece ocorrer relativamente tarde, e se apresenta como muito menos generalizada do que se pensa em geral.

Em ambos os sexos, o consumo relatado por nossos jovens é menos elevado do que na pesquisa citada de Porto Alegre. Em cotejo com os dados de CARLINI & COTRIM (1987), verificamos que as nossas prevalências são inferiores, em ambos os sexos, e que em nossa amostra, o consumo de inalantes, embora em 1º lugar das drogas propriamente ditas, inicia-se com menor precocidade do que na população destes autores.

A partir destas comparações todas, ressalta uma evidência, a saber, que os resultados, precisamente, não são comparáveis - o que lança uma luz crítica sobre a validade de tais pesquisas epidemiológicas em geral: os resultados dependem amplamente das características regionais, sociais e demográficas da amostra escolhida. Não existe uma "amostra geral", representativa de todos os segmentos da sociedade, o que envia a comparabilidade entre diferentes pesquisas.

Quanto mais contraditória e desigual a estruturação de uma sociedade, mais os levantamentos deverão ser pormenorizados, investigando determinados segmentos devidamente especificados, como ocorreu no trabalho de CARLINI & COTRIM (1987). Toda generalização dos resultados de uma pesquisa, mesmo a mais ampla que seja, é abusiva e induz distorções grosseiras na visão que se possa ter do conjunto da problemática das drogas; todo levantamento é relativo, o que os pesquisadores têm que saber para situar o alcance dos seus dados e para dimensioná-los em pertinência...

Todos estes trabalhos, inclusive o nosso, são tão somente aproximativos, trazendo luzes sobre pequenas faixas. Eles precisam continuamente de complementação em outras faixas populacionais, para se chegar a visões mais abrangentes do problema. De antemão, no entanto, pode-se ter certeza de que, numa sociedade como a brasileira, não se chegará nunca a uma visão "de conjunto". Extrapolações, a partir de dados parciais, só são possíveis com muita cautela; do contrário, corre-se o risco de produzir generalizações indevidas, abandonando-se o campo da ciência em benefício de um sensacionalismo talvez dramáti-



co, mas de embasamento pouco sólido. Ademais, cabe nunca esquecer que este tipo de investigação levanta tão-somente a frequência do consumo em uma população dada (ou seja, as "prevalências"); de fato, nem levanta as frequências ou prevalências objetivas, mas aquelas **declaradas** pelas pessoas abordadas, o que representa, em um assunto tão assombroso como aquele das drogas, um viés a ser considerado com muita atenção, quando à fidedignidade dos resultados. Mas uma outra limitação da abordagem epidemiológica do consumo de drogas nos parece pesar mais ainda: ela focaliza somente o **produto**, as drogas (como é o caso também da abordagem farmacológica ou biológica), mas nunca chega a apreender as **razões** deste consumo. Tanto o fator da **personalidade** (e das motivações pessoais) quanto a influência dos **fatores e pressões sócio-culturais e econômicas** escapa a este tipo de investigação. Ele, imperativamente, deve ser completado por outros estudos, sociológicos, antropológicos e clínicos, se se quiser chegar a uma compreensão mais abrangente do fenômeno. O programa de pesquisa do CORDATO (Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos, do Instituto de Psicologia da UnB), se propõe a contribuir com esta tarefa ampla.

Esta conclusão é de alta relevância também para a programação **preventiva**. Se a prevenção ao abuso de drogas precisa lançar mão de idéias gerais claras e pertinentes quanto aos princípios educacionais ou ao valor do consumo na sociedade, todo projeto preventivo tem que levar em conta as características específicas da população-alvo à qual se dirige, se quiser atingir as suas metas, isto é, se quiser ser compreendido e, depois, suscitar efeitos. Não basta pois ter uma idéia sobre as prevalências aproximativas do consumo de drogas nesta ou naquela população-alvo, mas tem que se conhecer também as **razões** do consumo, o **porque** da procura de drogas numa determinada faixa populacional. Assim, no caso de nosso levantamento, só é possível tirar algumas conclusões (como já frisamos no final da primeira publicação) quanto à população jovem brasiliense que frequenta escolas do governo, ou ainda, que frequenta a Universidade de Brasília; os jovens inscritos em escolas particulares, ou aqueles que não estudam, ou ainda aqueles de regiões rurais do Distrito Federal, são portadores de características e motivações diferentes (talvez radicalmente diferentes) e precisam de outras abordagens se se quiser entender as suas problemáticas sociais, escolares, habitacionais, etc.

A questão do consumo de drogas recebe pois um relevo muito particular em função do contexto no qual se desenvolve, e medidas preventivas só terão alguma probabilidade de serem bem sucedidas, se respeitados esses contextos concretos.

Uma última lição que se deixa tirar dos nossos dados, enquanto permitem uma extrapolação mais ampla: o problema do consumo de drogas na sociedade não se deixa focalizar corretamente sob o prisma das drogas ilegais. As questões dos inalantes e dos medicamentos psicotrópicos exigem medidas urgentes, os primeiros a nível dos jovens já a partir das primeiras séries do 1º grau, e isto em todas as faixas econômicas da estratificação social (com atenção particular para os menores de rua); os segundos através de ações de conscientização da classe médica quanto às prescrições que induzem dependências iatrogênicas. Ambos provocam muitos estragos nas faixas da juventude economicamente ou psicossocialmente fragilizadas; nenhuma abordagem repressiva cura tais fragilidades, mas somente propostas preventivas (e/ou terapêuticas) baseadas na compreensão mais ampla do fenômeno.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCHER, R.E. & TOTUGUI, M.L (1987). "Conhecimento e Uso de Drogas entre Alunos de Brasília". *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 2, pp. 96-112.
- CARLINI, E.A. & COTRIM, B.C. (1987). "O Consumo de Solventes e outras Drogas em Crianças e Adolescentes de Baixa Renda na Cidade de São Paulo". *Revista ABP-APAL*, 9, 2, pp. 49-58.
- COSTA & COLS. (1978): Inquérito sobre consumo de drogas entre escolares da região metropolitana de São Paulo (citado em NAOMAR, A. F.º & Cols.: "Epidemiologia do Consumo de Drogas no Brasil: Revisão Bibliográfica"; no prelo).
- DEPARTAMENTO DE PESQUISA E ANÁLISE DE MERCADO DA RBS (1986). Consumo de Drogas entre estudantes de 10 a 18 anos (citado em NAOMAR, A. F.º & Cols.: "Epidemiologia do Consumo de Drogas no Brasil: Revisão Bibliográfica"; no prelo).
- MEDINA-MORA, M. E. & COLS. (1984): "El uso de inalantes em Mexico". *Salud Mental*, n.º 7, pp. 13-18.
- MORGADO, A.F. & COLS. (1982): "Consumo de Drogas Ilícitas - Aspectos Relevantes de Insucesso das Medidas de Controle". *J. Bras. Psiq.*, 31, 6 pp. 377-386.
- \_\_\_\_\_(1983). "Quimeras e verdades. O consumo de drogas no Brasil". *A saúde no Brasil*, 1, 3, pp. 178-186.
- MURAD, J.E. (1979). "Drug Abuse Among the Students in the State of Minas Gerais, Brazil". *Bull. Narc.* (Genebra) 31, 1.
- SILVA & COLS. (1985). "Prevalência do Uso de Álcool, Cigarro e Maconha nos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo". *Arq. Coord. Saúde Mental*, São Paulo, XLV, pp. 134-145.
- ZANINI & COLS. (1974). Consumo de drogas entre estudantes universitários de São Paulo (citado em NAOMAR, A. F.º & Cols.: "Epidemiologia do Consumo de Drogas no Brasil: Revisão Bibliográfica"; no prelo).

---

Texto recebido em 24/02/88.